



CNPJ 07628573/0001-03 – [www.portalbarradoquarai.com.br](http://www.portalbarradoquarai.com.br) – E-mail: [argemiro@trinacional.com](mailto:argemiro@trinacional.com)  
ENTIDADE DE UTILIDADE PÚBLICA – LEI MUNICIPAL 904/2007

---



**Argemiro Rocha** é pesquisador e agente cultural. Estuda a influência da tecnologia na Educação. Sua ação tem sido considerada decisiva na formação da juventude nas comunidades da Trílice Fronteira. É um dos fundadores do Movimento Transfronteiriço de ONGs que congrega dez organizações não-governamentais do Brasil, Uruguai e Argentina e Presidente da ONG Atelier Saladero - Barra do Quaraí-RS, Brasil.

## O SALADERO DA BARRA DO QUARAI 1887-1927



## 1 INTRODUÇÃO

Na cidade da Barra do Quaraí, localizada à margem direita do rio do mesmo nome, limite geopolítico entre o Brasil e o Uruguai, encontram-se ainda hoje alguns vestígios materiais da expansão industrial pecuarista acontecida no Rio Grande do Sul ao findar o século XIX e o conseqüente beneficiamento da carne salgada -- o charque.

Este trabalho focaliza o Saladero da Barra do Quaraí, na região da Fronteira Oeste do Estado em suas características, desenvolvimento, produção e periodicidade. O trabalho teve origem em alguns questionamentos históricos – sobretudo, na ausência de respostas -- diante dos impressionantes restos abandonados do imenso complexo saladeril barrense. Pouco se escreveu sobre a indústria do charque na fronteira; bibliografia inexistente, restam algumas pesquisas esparsas que apenas conseguiram resgatar e fazer reviver na comunidade envolvida alguns relatos verbais que mais detalham memórias imprecisas e que foram passando pelas gerações, sobrevivendo junto aos “causos” de quem ouviu contar pelos trabalhadores contemporâneos.

Essas desmoronadas estruturas, entretanto, resistentes às ações do tempo, levam-nos de volta ao período em que o charque era o produto mais importante da economia do Rio Grande do Sul. De fato, parece que estamos diante da estrutura de uma charqueada erguida em uma região tão distante do tradicional centro charqueador gaúcho: Pelotas.

Surpresa maior é saber que a produção passava por sobre o rio, tomava os trilhos uruguaios e era exportada pelo Porto de Montevidéu para a Europa. Assim surgiu e desenvolveu-se o Saladero da Barra do Quaraí...

## **2 ANTECEDENTES**

### **2.1 Noção de fronteira**

Para se entender melhor porque chamou-se Saladero um complexo industrial nos moldes das charqueadas rio-grandense, é necessário entender a influência espanhola na região da Barra do Quaraí.

Cabe aqui uma importante ressalva acerca do conceito de fronteira. Este termo remete à duas noções que o caracterizam: distinção e encontro. Historicamente, enfatizou-se a fronteira como limite, linha que separa o "nós dos outros". Uma noção justa, uma vez que corresponde as características atribuídas à Nação, geográfica e juridicamente delimitada .

Mas num processo também histórico, em que pese ser lento, notamos o esforço de se constituir um mercado mais livre à economia e aquelas mesmas fronteiras que separavam os países passaram a servir como pontos de acesso, evidenciando o caráter integratório desses limites..

No que se refere ao Rio Grande do Sul, este segundo movimento acabou por vincular o território gaúcho às características sócio-econômicas do norte do Uruguai e da Argentina. Fala-se, portanto, em zona fronteira para uma região platina constituída por espaços vinculados pela economia, pela política e pela cultura.

### **2.2 O Pampa x Litoral**

Conforme ASSUMPÇÃO, reconhecem-se duas distintas regiões econômicas no Rio Grande do Sul: a campanha, vinculada à tradicional atividade pecuarista e o litoral onde se praticavam a policultura e um intenso comércio.

Na visão do autor, o Estado gaúcho ficou dividido historicamente nessas duas grandes macro-regiões -- Campanha e Litoral --, alinhando-se a primeira aos interesses dos estancieiros e a segunda à predominância burguesa, da classe média urbana e dos pequenos proprietários rurais.

*No final do Século XIX, a vinda do imigrante europeu incrementou uma atividade agrícola comercial especializada e dirigida ao mercado interno [...]. Enquanto isso, no final do século passado, progrediu a economia colonial de gêneros de lavoura de subsistência, a área econômica da pecuária entrou em um processo de estagnação, sem maior avanço das forças produtivas, sem qualquer renovação tecnológica que beneficiasse a produção de forma significativa. Permaneceu a pecuária gaúcha sem maiores alterações no momento em que a economia escravocrata se desagregou e adveio a produção na base da mão-de-obra livre. Foi somente com a instalação dos frigoríficos na segunda década do século XX que se deu a reorganização da indústria da carne (PESAVENTO, p. 14).*

Sendo assim, por estar distante e isolado dos movimentados centros produtivos gaúchos e por servir aos interesses de uma elite rural, pode-se afirmar que o complexo saladeril na fronteira oeste não acompanhou o novo momento econômico vivido pelo Estado.

É nesse contexto que vem se desenvolvendo a recente compreensão de que a história do Saladero da Barra do Quaraí, seja pelo seu isolamento, seja pela influência do capital externo inglês, seja pela mão de obra ou pela própria matéria prima, não fazia parte da História do Rio Grande do Sul, como salientado por Lara Castello.

A questão ainda exige análise, mas impõe-se pelo fato de que o Saladero foi muito pouco estudado e uma pesquisa profunda acerca do surgimento desta indústria e os agentes envolvidos no processo, poderia revelar elementos de um contexto econômico e político diferente daquele que atualmente é apresentado.

Nesse sentido, ainda está para ser devidamente caracterizada a existência de um grupo social - o dos empresários de fronteira – valorizando a estrutura das relações econômicas que o engendrou, pois é certo a presença de saladeristas uruguaios na fronteira do Rio Grande do Sul a partir dos anos de 1880 (ASSUMPÇÃO, 2006)).

Daí a grande influência espanhola no desenvolvimento do beneficiamento da carne na época.

## 3 LOCALIZAÇÃO HISTÓRICA E GEOGRÁFICA DO SALADERO

### 3.1 Uma pesquisa de campo no Saladero

O presente trabalho tem por base principal pesquisa feita nos trabalhos de Flamarion Freire da Fontoura Gomes e também de Josiane Farias Gomes os quais pretendem apontar algumas considerações iniciais à respeito da incipiente implantação do capitalismo na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul do século XIX, mais precisamente a partir de um estudo arqueológico do sítio RS BQ-01 Saladero, feito pelos autores.

O sítio localiza-se no município da Barra do Quaraí-RS. Composto por uma série de estruturas arquitetônicas, o antigo Saladero encontra-se atualmente em ruínas. Além das observações sobre a cultura material, os autores realizaram um levantamento histórico do sítio, no intuito de orientar as pesquisas de campo, que posteriormente serviram como embasamento teórico e as premissas de uma Arqueologia Espacial.

A cidade de Barra do Quaraí situa-se no extremo oeste da fronteira sul-riograndense, entre as coordenadas geográficas 300 12' 30" de latitude sul e 570 32' 30" de longitude oeste. Criado a partir da lei estadual no. 10.655 de 28 de dezembro de 1995, o referido município encontra-se nas proximidades da foz do rio Quaraí, de onde provém a denominação de "barra".

Sua recente emancipação resulta de seu desmembramento do município de Uruguiana, do qual era o 20 distrito. Desta forma, o período histórico mais antigo no local onde hoje encontra-se o município da Barra do Quaraí insere-se na formação histórica da cidade de Uruguiana, do qual é necessário considerar o panorama histórico.

Uruguiana possuía uma grande importância para a economia regional que poderia se beneficiar com um porto, ligado principalmente às duas capitais platinas, Montevideú e Buenos Aires.

Além do porto, depois de passados vários anos de sua elevação à cidade por volta de 1887, foi construído o primeiro ramo da ferrovia que ligaria o Brasil ao Estado Oriental do Uruguai.

Mesmo antes da ferrovia ter entrado em operação, havia no segundo distrito de Uruguiana, denominado Barra do Quaraí, um Saladero que produzia num primeiro momento charque, mas com as novas tecnologias e algumas alterações de sua razão social, passou a produzir conservas, queijos, massas e até mesmo velas.

Composto por um complexo de edificações destinadas as diferentes etapas do processo de beneficiamento da carne “verde”, conjuga-se à este uma estrutura habitacional, que figura entre os papéis de “casa de negócios” bem como de núcleo residencial.

Resultado de um empreendimento privado, o Saladero da Barra do Quaraí indica o início da implantação de investimentos massivos nos setores de produção industrial e infraestrutura. Atualmente em ruínas, o Saladero da Barra do Quaraí chegou a ser depósito de lixo após a finalização de suas atividades em 1927.

### **3.2 Aportes teórico-metodológicos**

Conforme assinala FLAMARION, a metodologia empregada na sua pesquisa consistiu em duas etapas distintas: campo e laboratório. Nas atividades de campo foram realizadas prospecções (sistemáticas e assistemáticas) na área do complexo arquitetônico, (ver Anexo 1) objetivando a realização de um registro visual, mapeamento das estruturas, e definindo locais para futuras sondagens.

A pesquisa ocorreu a partir do estudo individual de cada tipo de estrutura, para o devido estabelecimento de relações entre as mesmas. Com os dados das prospecções, foram realizadas sondagens para a orientação de locais à serem escavados.

As sondagens foram constituídas de aberturas de poços-teste, a fim de verificar estratigrafias e concentração de material (exemplo: lixeiras). As técnicas de escavação somente foram definidas levando-se em consideração os dados obtidos pelas prospecções iniciais (exemplo: porcelanas inglesas). Os procedimentos em laboratório se iniciam pela limpeza mecânica, numeração e catalogação das peças.

As análises tipológicas da louça levaram em conta critérios que incluem a pasta, esmaltação, padrão de decoração e técnica de decoração. No caso da vidraria, as peças foram reunidas de acordo com a coloração, bem como em partes como fundos e gargalos, dos quais foi observado marcas de molde, retoques e marcas de sopro.

O metal foi dividido de acordo com os aspectos funcionais, dentro de categorias como tralha doméstica, tralha construtiva, etc...quando possível, se buscou o horizonte cronológico das peças e sua contextualização histórica.

Os trabalhos foram orientados teoricamente numa perspectiva que contemple as múltiplas relações que se estabelecem no sítio arqueológico, que compõe-se de uma rede de quatro estruturas independentes (galpões; casa dos trabalhadores; sede; setor produtivo). Segundo RODRIGUES (op.cit), o setor produtivo ou o Saladero propriamente dito era composto por diversas seções coordenadas entre si, como:

- Secção de manipulação da graxa;
- Secção de abastecimento de lenha ou carvão;
- Ferraria (sala de mecânica);
- Tonelaria;
- Galpões de secagem;
- Secção de carnes elaboradas;
- Depósito de charque.

A necessidade de estabelecer relações entre as estruturas, orientou os autores em direção de um enfoque contextual. Para tal enfoque, foi necessário estabelecer níveis de análise que levaram em consideração as particularidades de cada construção, sem esquecer de suas relações com as demais que compõem todo o complexo saladeiril.

Neste sentido, verificou-se que os pressupostos de análise teórica mais adequados para o estudo se encontram na ótica de uma Arqueologia Espacial.

Os autores baseara-se em CLARKE (1977:9) pois, este utiliza o termo técnico recurso do espaço, relacionando o sítio com o meio onde está inserido, num constante contato entre estes. CLARKE (op.cit), citado por FLAMARION, propõe uma análise em três níveis de abordagem: nível delimitado fisicamente ao espaço de uma estrutura e seus respectivos artefatos; um outro nível expandido ao conjunto das estruturas que compõem o sítio e o nível relacionado aos aspectos sociais, vinculados geograficamente a um espaço determinado e seus vestígios de atividade humana que possibilita o enfoque sobre modelos sociais e arquitetônicos – no caso concreto, um estilo arquitetônico com forte influência da engenharia inglesa do final do século XIX.

O nível mais abrangente, associa-se aos aspectos geográficos e econômicos, prevalecendo sobre as demais questões. A paisagem faz parte deste nível, considerando esta a maior escala na análise arqueológica. A paisagem existente no município da Barra do Quaraí foi delimitada pelo seu indicador histórico que estipulava uma área total do sítio arqueológico entre dois marcos geográficos (norte: Arroio Garupá; sul: Arroio Quaraí-mirim).

Realizou-se inicialmente um estudo sobre as condições ambientais que influenciaram na organização social e econômica (subsistência e pecuária extensiva). Verificou-se que o sítio arqueológico do tipo “estância”, estava intimamente vinculado as condições do ambiente, existindo uma interação permanente entre a área “ocupada permanentemente” com as adjacências, como exemplo o próprio material para construção que existiam a disposição pelo terreno.

O tipo de sítio “estância”, tem um caráter de permanência no local. De acordo com as condições da época, esta permanência só se fazia possível tendo em vista as condições favoráveis do meio, fosse na proximidade de fontes de matéria-prima para edificações, fosse nos elementos que compõem a paisagem como água para consumo de pessoas e animais, além do pasto natural para o tipo de economia desenvolvida até hoje, a criação de gado.

## **4 O SALADERO DA BARRA DO QUARAÍ**

Sobre a margem direita do rio Quaraí, a uns cinco quilômetros da confluência deste rio com o Uruguai, no 2º Distrito do Município de Uruguaiana, Hipólito Lessa fundou, em 1887, o Saladero Barra do Quaraí (o primeiro da zona fronteiriça com o Estado Oriental), propriedade mais tarde da Companhia Industrial de Quarahim e, depois, das Firmas Minelli Gonzáles & Cia; Manuel Lessa & S. Frias de Montevideu e João Però & Cia, de Uruguaiana.

O Saladero da Barra do Quaraí trouxe trabalho e prosperidade a toda a região. Em 1908, nos meses de maior abate, se trabalhava dia e noite e o conjunto de operários alcançava a quantidade de duzentos e cinqüenta homens. Exportava produtos da pecuária para a Europa, pela via platina e, em seus últimos 16 anos havia abatido 883.964 reses.

A Casa Però era a Firma exportadora, sob a razão social Però & Cia. Foram Agentes do Banco Francês e Italiano, com correspondentes nas praças de Buenos Aires e Montevideu. Era, também, exportador e importador na época a Firma Otto Ewell & Cia, da qual fazia parte Eustáquio Ormazábal. Funcionavam, ainda, como casas bancárias, com agências nas capitais da Europa, as firmas Ricardo Kramer e Paulino Anselmo de Menezes.

Com o advento dos frigoríficos, esta atividade foi, aos poucos, sendo substituída por processos mais modernos e eficientes de industrialização da carne. Foi o que fez o Saladero da Barra do Quaraí, quando passou a produzir conservas de carne, como línguas e outros.



O ano de 1917 coincide com a implantação do primeiro frigorífico no porto de Rio Grande: é a Cia. Swift que, com a redução do capital inglês investido nas charqueadas do interior, quase ao término da Primeira Grande Guerra, e mais a abertura da Barra em 1918, são os fatores que aceleraram o processo de declínio dos saladeros.

O golpe fatal aconteceria em 1927, com a Lei Federal de Desnacionalização do Charque, que proibia o trânsito do charque, que era levado aos portos brasileiros através do porto de Montevideú.

Assim, também a grande riqueza acumulada em nosso hoje Município da Barra do Quaraí foi, paulatinamente, sendo canalizada para outras regiões, onde os investidores estrangeiros e nacionais tinham melhores perspectivas de ganho.

Paralelamente à atividade saladeril, desenvolviam-se outras importantes indústrias, que utilizavam matéria-prima e subprodutos descartados do saladero. Dentre elas destacam-se o curtume do cel. José Lagraña, localizado na Barra do Quaraí, fundado em março de 1901. Produzia anualmente 1600 meios de sola, peles de bezerro, marroquins de diversas cores, cabritilhos e pelicas.

A fábrica de queijos de Lagraña & Cia, fundada em 1896 exportava anualmente 6.000 quilos de queijos e funcionou até 1920 exportando seus produtos através do porto de Montevideú, todos com grande aceitação no mercado internacional.

A fábrica de velas de João Però & Cia, outra importante indústria que se servia de subprodutos do Saladero, com produtos registrados sob marca Gladeador., também fabricavam sabão que era aceito em todo o Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Rio de Janeiro, nas praças platinas e também no exterior.

## **5 ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS NO ADVENTO DO SALADERO**

O Rio Grande do Sul apresenta disparidades regionais, que permitem uma alusão ao que se denomina “metade norte” e “metade sul”. Trata-se de uma divisão que corresponde a características tanto de ordem físico-geográficas quanto de situação econômica. Voltada para uma economia de mercado com base na produção extensiva de recursos primários, uma atividade eminentemente de cunho agrícola e pecuarista moldou ao longo do tempo o perfil sócio-histórico e cultural das populações da metade sul, na qual insere-se a região da Campanha, em particular a fronteira oeste.

A fronteira oeste do Rio Grande do Sul registra um histórico de disputas territoriais com seus vizinhos platinos, pela definição das fronteiras dos Estados Nacionais em formação ao longo do século XIX.

A partir desta situação, um dos meios utilizados para a demarcação de limites territoriais tornou-se a concessão de porções de terras, sob denominação de “sesmarias” de onde surgem as primeiras estâncias de influência luso-brasileira na região.

A doação das primeiras sesmarias na região foram reconhecidas pelo governador provincial Dom Diogo de Souza, no ano de 1814. Estas sesmarias eram doadas principalmente a altos funcionários da coroa, militares, abastados criadores e estrangeiros que tivessem relações mais estreitas com o império e que tivessem a intenção de desenvolver a região. A sesmarias eram doadas a partir das disposições contidas no Alvará de 5 de outubro de 1795, que dispunha sobre o regime de terras no Brasil, estabelecendo os procedimentos necessários.

No entanto, a partir de 1822 foram cessadas as doações e se passou a permitir a simples possessão das terras devolutas para cultivo. Mais tarde, em 18 de setembro de 1850, entrou em vigor a lei nº 601, a primeira Lei de Terras que dispunha vários artigos sobre as formas pelas quais deveria ser regido o sistema de regime das terras no Brasil, principalmente com o fim de garantir a diferenciação do domínio privado do público e a legalização das terras devolutas possuídas desde 1822. Conforme LIMA (1990:31-32),

*... as sesmarias de qualquer maneira invalidadas foram tornadas suscetíveis de revalidação, bem como as posses ainda não legitimamente transmitidas foram declaradas legitimáveis, desde que umas e outras preenchessem os requisitos de cultura efetiva e morada habitual.*

A partir da Revolução de 1835 na província do Rio Grande do Sul, e da transformação de Alegrete em capital da República Farroupilha, surgiu a necessidade da fundação de um novo entreposto na fronteira, por onde pudesse ser escoada toda a produção do interior.

## 5.1 As relações comerciais no Prata

A História indica que os farroupilhas não tiveram o resultado que buscavam a partir de suas reivindicações, mas Uruguaiana foi criada a partir da sua visão capitalista. Isso pode ser verificado a partir do momento de sua elevação à Capela Curada e Vila, quando Uruguaiana passou a ter contato direto e mais seguido com as cidades de Buenos Aires e Montevideu que com Porto Alegre, como diz AVÉ-LALLEMANT (1970:270):

*[...] é uma vila de pelo menos 2.000 habitantes, onde se manifesta, em todos os recantos, a mais viva atividade comercial. Só franceses existem mais de cem no lugar, entre eles gente de muito boa educação e irrepreensível conduta. Em Uruguaiana quase não se reconhece uma cidade brasileira, mas uma hispano-francesa, que parece apoiar-se em suas relações de vida e de comércio, mais em Buenos Aires e Montevideu, do que em Porto Alegre e Rio Grande.*

As relações comerciais com as principais cidades do Prata tornam-se ainda mais favoráveis através da navegação fluvial do rio Uruguai que passou a ser liberada a partir de 1851. Isso mostra a grande facilidade que poderia se encontrar nessa fronteira para o estabelecimento de várias empresas que investissem na exportação ou importação de produtos para a venda dentro da vila, mas principalmente no interior da Província.

Em 1851 também foi assinado o Tratado de Limites entre o Império brasileiro e a República Oriental do Uruguai para fixar de uma vez por todas as fronteiras entre ambas nações. No entanto, houve algumas ratificações, mas sem nenhuma alteração em relação a fronteira oeste.

Era muito mais fácil efetuar transações pelo rio Uruguai que por outras vias, pois através do rio a velocidade era muito maior, bem como a dificuldade de prováveis ataques saqueadores aos navios que desciam ou subiam pela via fluvial até a foz do rio da Prata.

No entanto, outro fator que devia ser levado em consideração era o contrabando crescente nesta região. O contrabando ocorria de diversas formas, mostrando que as transações efetuadas em Uruguaiana, apesar da fiscalização da alfândega do porto, eram muito facilitadas pelas diversas formas encontradas não só pela sua população comerciante na busca de lucratividade, mas pelos vizinhos argentinos e uruguaios que chegavam a criar leis que acabaram permitindo a efetivação desse tipo de comércio.

A situação que outrora favoreceu a economia sul-riograndense, com o desenvolvimento mundial do capitalismo ao longo do século XIX e inícios do século XX, fez surgir na região um germe de industrialização, que instaura-se no cerne do núcleo de produção primária do estado: a fronteira oeste.

O livre comércio entre os estados nacionais latino-americanos recém formados incrementa-se, e a possibilidades de otimização dos lucros, a partir da manufatura dos bens de consumo para os mercados do Prata, formam um quadro favorável às iniciativas empreendedoras na região, indicando enormes possibilidades de sucesso.

## **5.2 O SALADERO: um empreendimento capitalista**

Um novo cenário se configura na fronteira oeste, particularmente em Uruguaiana a partir da chegada de vários comerciantes, tanto brasileiros quanto estrangeiros, que vieram atrás de ganhos pela facilidade das transações e de um terreno fértil para o estabelecimento e desenvolvimento de empresamentos capitalistas. Voltados principalmente para o comércio do charque, incrementa-se a criação de algumas charqueadas, também chamadas de saladeros.

Dentre os demais saladeiros que foram, aos poucos sendo fundados principalmente na linha de fronteira com o Uruguai, provavelmente pela facilidade de conseguir atravessar o gado de um lado para outro da linha fronteira, o Saladero da Barra do Quaraí foi o primeiro a entrar em operação em 1887.

De acordo com SILVEIRA (1909), o Saladero da Barra do Quaraí foi fundado em 1892. Existem divergências com relação a esta data, RODRIGUES (2000:41) indica o ano de 1887 para a fundação do Saladero, crido por Hipólito Lessa, considerando-o como primeiro da fronteira com a República Oriental do Uruguai.

Consenso entre os autores é a grande atividade do Saladero, chegando após 16 anos de funcionamento ao número de 883.964 abates. Este Saladero possuía uma grande quantidade de empregados, que chegavam a trabalhar dia e noite para conseguir atender a demanda.

Os produtos elaborados no Saladero, que exportava para o Prata sem grandes dificuldades, eram também destinados à Europa, onde eram consumidos vários produtos de procedência rio-grandense.

As atividades do Saladero proporcionaram o aparecimento de outras iniciativas do capital privado, como a Fábrica de Queijos de Lagraña & Cia. (1896); o Curtume do Cel Lagraña (1901); Fábrica de Velas de João Però & Cia. (ano ?) (RODRIGUES, 2000).

Com a diminuição dos investimentos nos saladeiros e criação dos novos frigoríficos subsidiados pelos ingleses, juntamente com a deflagração da segunda guerra, em 1918, o Saladero da Barra do Quaraí começa a declinar.

Assim, em 1927, como medida protecionista do governo brasileiro, o charque foi desnacionalizado, sendo proibida a entrada do charque que viesse do porto de Montevidéu. . Estes fatores são considerados golpes fatais no tipo de estabelecimento denominado "SALADERO".

## **CONCLUSÃO**

A partir das considerações históricas apresentadas, é possível identificar as iniciativas, por parte do capital privado, do estabelecimento de unidades produtivas de caráter industrial: o Saladero da Barra do Quaraí. FLAMARION explica que as grandes proporções assumidas pelas atividades industriais do Saladero, propiciaram o surgimento de outras indústrias como as fábricas de vela, queijo e um curtume.

Os vestígios materiais que fazem parte do complexo saladeiril, demonstram que os registros históricos possuem respaldo arqueológico, uma vez que as estruturas localizadas e identificadas chamam atenção pelas dimensões que atingem. O quadro descrito contrapõe-se radicalmente com a situação atual do município, cujas atividades industriais não representam mais o potencial de produção que há um século atrás se firmava.

Como testemunhos destas oscilações econômicas na fronteira oeste, firmam-se entre a vegetação e as águas do rio Uruguai, as ruínas do antigo Saladero. O Saladero da Barra do Quaraí representa o início e o fim de um ciclo econômico. O modelo de um capitalismo industrial foi suplantado pelo liberalismo conservador das oligarquias locais, que reproduzem até hoje uma economia arcaica. Observar o registro material como uma expressão de sua época, pode redimensionar o potencial uma vez instaurado no município, e quem sabe, redefinir uma nova orientação econômica, agora voltada para o turismo histórico.

A pesquisa contextualiza-se num cenário fronteiriço, platino. O estudo do desenvolvimento econômico da região pela arqueologia oferece uma nova interpretação sobre o processo histórico e mais, oferece uma certa consciência patrimonial sobre os bens históricos.

## BIBLIOGRAFIA

ALBORNOZ, Vera do Prado, Uma Aposta no Pampa, Santa Maria, Palloti, 2000

ALBUQUERQUE, Amilcar Cunha de. Relatório de estatística apresentado ao Coronel João Baptista Arregui. Uruguaiana: 25 jul. 1926.

ASSUMPÇÃO, Jorge. A produção charqueadora e a mão-de-obra servil. Colônia. Passo Fundo: Editora UPF, 2006.

BARCELOS, Artur Henrique Franco. Arqueologia espacial da Redução de São João Batista: Uma Proposta Teórico-metodológica. Porto Alegre, EDIPUCRS, Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia. Vol.2, 1995.

CASTELLO, Iara Regina. Práticas de Integração nas fronteiras: temas para o Mercosul. Porto Alegre. Instituto Goethe. 1995

CLARKE, David. Spatial Archaeology. Cambridge, 1977.

DOCCA, Souza. Limites entre o Brasil e o Uruguai. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica, 1939.

LIMA, Ruy Cirne. Pequena história territorial do Brasil: sesmarias e terras devolutas. 4.ed. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

MARTINEZ, F. E ZAPATERO, R. El analisis de territorios arqueológicos: una introducción crítica. Arqueologia espacial – Colóquio sobre distribución y relaciones entre los asentamientos. Teruel, 1984.

PONT, Raul. Campos Realengos: formação da fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul. Vol. I. Porto Alegre: Renascença, 1983.

\_\_\_\_\_. Subsídios para a história do contrabando. Centro Cultural Dr. Pedro Marini. Sala do Arquivo Histórico.

RELATÓRIO. Linha erradicada Barra do Quaraí – Uruguaiana – Itaqui – S. Borja: trecho Uruguaiana a Barra do Quaraí. Uruguaiana: ERPOA, jun.97.

RODRIGUES, Hamilton Santos. Barra do Quaraí: Panorama histórico-geográfico. Porto Alegre: Alcance, 2000.

SILVEIRA, Hemetério José Velloso da. As missões orientais e seus antigos domínios. Porto Alegre: Typographia da Livraria Universal de Carlos Echenique, 1909.

SOARES, Manoel Adolpho. Uruguaiana: um século de história...(1843-1943). Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1942.